

**O ENSINO MILITAR AERONÁUTICO:
UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE OFICIAIS AVIADORES DA ESCOLA DE
AERONÁUTICA - RJ (1941-1951)**

**THE AERONAUTICAL MILITARY EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE
AVIATOR OFFICER'S EDUCATION ON THE AERONAUTICS SCHOOL-RJ
(1941-1951)**

Liliana Martins Marinho*
Carolina Fuzaro Bercho**

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar como se dava a formação dos Oficiais Militares entre o início da Criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941, até o início da década seguinte (1950), na Escola da Aeronáutica, localizada no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, levando em consideração o contexto histórico e educacional do período. Partimos do pressuposto de que durante a década de 1940, a iniciativa desenvolvimentista de Getúlio Vargas ocasionou a união das Forças de Aviação no Brasil a partir da Criação do Ministério da Aeronáutica. A partir daí, houve a necessidade da formação de oficiais militares para a “novata” Força Aérea Brasileira. Dessa forma, levantamos a seguinte questão de pesquisa: de que forma se deu a formação inicial destes oficiais durante a 2ª Guerra Mundial? Houve a formação de “guerreiros do ar” mediante quais perspectivas metodológicas? Através de levantamento bibliográfico, coleta e análise de números da Revista Esquadilha (elaborada pelos próprios oficiais alunos), entre os anos de 1941 e 1951, observaremos o perfil cultural do oficial-aluno, seus usos e costumes e a rotina em formato de internato necessária para a sua formação.

Palavras-chave: História da Educação. Ensino Militar. Força Aérea Brasileira.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the formation of the Military Officers between the beginning of the creation of the Ministry of Aeronautics in 1941 until the beginning of the following decade (1950) at the School of Aeronautics, located in Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, Taking into consideration historic and educational context of the period. We start from the assumption that during the 1940s, the developmentalist initiative of Getúlio Vargas caused the union of the Aviation Forces in Brazil from the Creation of the Ministry of Aeronautics. From then on, there was a need for the formation of military officers for the "new" Brazilian Air Force. In this way, we raise the following research question: how was the initial formation of these officers during the Second World War? Was there the formation of "warriors of the air" by what methodological perspectives? Through a bibliographical survey, collection and analysis of numbers of the Esquadilha Magazine (elaborated by the official students) between

* Bolsista de Iniciação Científica e Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação – FATECE. lilianammartinho@gmail.com

** Oficial do Magistério Militar na Academia da Força Aérea e Docente da Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação – FATECE. carolinafuzaro@hotmail.com

the years of 1941 and 1951, we will observe the cultural profile of the officer-student, its uses and customs and the routine in the form of boarding school necessary For their training.

Keywords: Education History. Military Education. Brazilian Air Force.

Introdução

No Brasil, o Ensino Militar surgiu durante século XIX, período colonial, por meio das Escolas de Formação da Marinha e do Exército. Sendo assim, podemos citar o antropólogo Celso Castro como um dos pioneiros do estudo da antropologia militar, filho de um oficial superior do Exército (transferido para a reserva), que, através da sociologia, abriu caminhos para mais pesquisadores estudarem sobre o ambiente militar. (CASTRO, 1990).

A pesquisa envolve o início do Ensino Militar mais especificamente o nível superior, no qual originou-se da união da Aviação do Exército e da Marinha brasileira, à partir de 1941 no Campo dos Afonsos no Rio de Janeiro/RJ, em uma instituição chamada Escola da Aeronáutica, a qual responsabilizava-se pela formação da mão de obra para a própria Força Aérea, portanto, o estudo tem por finalidade contribuir para a História da Educação Militar Brasileira.

O trabalho possui como Objetivo geral observar através da análise das revistas Esquadilha, como eram formados os futuros oficiais, contribuindo para a História da Educação, especificamente a formação do ensino militar aeronáutico no país. E como objetivos específicos pretende analisar o cenário histórico e educacional que originou a formação dos oficiais aviadores, também, analisar a origem da Educação Militar no Brasil e na Aeronáutica e classificar a Educação Militar Aeronáutica com base na Análise das Revistas Esquadilha.

A pesquisa é de cunho qualitativo, por meio de levantamento de bibliografias. As principais fontes de pesquisa são exemplares de anos específicos da revista Esquadilha (1941 a 1951), que apresenta registros do cotidiano dos cadetes, uma vez que são disponibilizadas em arquivos da própria instituição (AFA). Foram realizadas visitas esporádicas para colher informações e entendimento do dia a dia do ensino militar na Academia da Força Aérea e realizamos a análise de dados. Em complemento à coleta de dados, efetuamos a revisão bibliográfica sobre o tema Ensino Militar, selecionado livros e artigos que abordam o tema pesquisado.

1 História da Educação Militar no Brasil

Segundo Almeida (2015), a profissão militar faz parte da sociedade moderna, ou seja, foi instituída posteriormente a arte da guerra que está presente desde o início da humanidade. Todavia, o oficialato profissional originou-se no século XIX com as Guerras Napoleônicas, época em que obtiveram especializações que os diferenciava dos demais. À vista disso, o oficialato inclui-se entre as mais respeitáveis instituições nascidas nesse momento da história.

Para Janowitz (1967) a oficialidade militar pode ser analisada como grupo profissional a partir de conceitos sociológicos, de maneira similar ao que ocorreu com profissões historicamente consagradas tais como Medicina e Direito – cuja qualificação de seus profissionais resulta de prolongado treinamento que os capacitam a prestar serviços especializados – o surgimento de exércitos profissionais e de sua oficialidade foi um processo lento e gradual, com avanços e retrocessos nessa construção histórica, na qual se percebe a transformação dos oficiais mercenários europeus do século XVI às incipientes manifestações de profissionalismo no século XVIII, sendo certo que somente pode-se conceber o aparecimento de uma profissão militar integrada a partir de 1800 (JANOWITZ, 1967 apud ALMEIDA, 2012, p. 59).

Já o Ensino Militar no Brasil iniciou com as escolas de formação da Marinha¹ e do Exército e está presente no país desde a Colônia e ao decorrer do século XIX. Segundo Trevisan (2011, p. 47)², “[...] O Exército precisava de uma “escola de engenheiros”, historicamente, o ensino militar construiu-se a partir dessa “necessidade”, que se transformou pela tradição em dogma”. Sendo assim, foi em torno da engenharia e sua base (matemática), que intencionaram formar oficiais:

O estado português visualizava uma perspectiva de defesa cuja principal meta consistia na obrigação de construir fortes, como garantia essencial de posse; nada mais. Sem dúvida, confundir ensino militar exclusivamente com formação em engenharia tem essa origem. O oficial exercia sua função intelectual organizando a defesa, na exata medida que era um bom engenheiro (TREVISAN, 2011, p. 17).

Desde as primeiras iniciativas de inserção do ensino militar no Brasil, confundeu-se com a engenharia, uma vez que o estado português figurava uma concepção de defesa, em que a meta consistia em elaborar fortes para garantir o poder. “O oficial

¹ A Escola Real dos Guardas-Marinhas era responsável pela formação superior naval, a qual adveio em 1908 com a Corte Portuguesa.

² Leonardo Nelmi Trevisan possui graduação em história, mestre em história econômica, doutor em ciência política pela USP. Atua principalmente nos temas de educação, desenvolvimento econômico e internacionalização do mercado de trabalho.

exercia sua função intelectual organizando a defesa à medida que se destacasse como engenheiro” (TREVISAN, 2011, p. 172).

Tal situação nascia da necessidade de a Coroa proteger a ‘conquista colonial’, e toda a resistência enfrentada por D. Rodrigo Coutinho para fundar uma escola de guerra confirma essa interpretação quanto às origens de um VI estar deste lado do Atlântico, e sim porque D. Rodrigo se comprometeu, e cumpriu, privilegiar “um curso completo de ciências matemáticas”, prioritário para a formação do engenheiro, de muito maior duração do que o de ‘ciências militares em toda a sua extensão, tanto na tática como na fortificação e artilharia’ (TREVISAN, 2011, p. 172).

O Ensino Militar nesse período passou por inúmeras reformas, gerando várias discussões, havia aqueles que discordavam da mistura do Ensino Militar com formação de engenheiros e defendiam uma organização do ensino puramente militar³. O distanciamento da formação de engenheiros não significava que esse oficial não possuía valor para o Exército, “a questão era a necessidade de a força dispor não de um engenheiro civil ou geógrafo, e sim de um engenheiro militar” (TREVISAN, 2011, p. 29). Por tal motivo, aos poucos a formação do engenheiro militar consolidava-se, para a superação da mera transmissão de saberes.

Seguindo ainda as reformas, fora criado um novo regulamento para os militares, “devidamente publicado na forma de Lei e finalmente autorizado pelo Parlamento, o Governo baixou em março de 1889 as novas disposições sobre o ensino militar por meio do decreto n° 10.203, de 9 de março de 1889” (TREVISAN, 2011, p. 34), neste momento a formação do oficial voltou-se para o desenvolvimento do guerreiro, ou seja, agregou mais conhecimentos voltados para atuação em guerra.

Para o autor, as reformas militares ocorridas possuíam o mesmo objetivo, “[...], incentivar a capacitação profissional do futuro oficial. Esbarravam todas nesse mesmo óbice intransponível, historicamente disposto [...]” (TREVISAN, 2011, p. 47).

Em meados do século XIX havia uma tendência da intelectualidade e, até mesmo dentro do modelo republicano, de se alimentar com o ideal positivista. Sendo assim, o positivismo esteve presente no Ensino Militar, como diz Trevisan (2011), momentos fora superestimada, tal como raiz fundamental de todos os fatos ocorridos nessa forma de ensino. Já outros momentos fora subestimado, como se estivesse limitado a um pouco mais de cem pessoas adeptas. O positivismo apresenta-se por

³ Conforme ocorriam as mudanças e mudavam os comandantes, mudava-se o foco das instruções, pois havia aqueles que prezavam mais pela prática e outros pela teoria, portanto a expressão puramente militar se refere a atividades práticas voltadas para a Arte da Guerra. Voltou-se para a teoria depois da guerra do Paraguai, vivenciando momento de pacificação.

vezes como um descaso, por ser apontado como autor da “paisanização” da formação militar.

Para o autor, o positivismo não avançou no militarismo apenas por eles possuírem amor pela matemática. “A percepção de Sergio Buarque sobre o ‘estado de espírito e clima de opinião’ não é restrita aos fardados, muito pelo contrário. Os militares somente eram mais um grupo social que se inseria no estado de espírito coletivo de fé positivista” (TREVISAN, 2011, p. 56). A razão do sucesso da doutrina (não só entre os militares) transcende o amor a matemática, possuindo também a intenção de manter a cultura superficial com que o “beletrismo e o arcaísmo filosófico e jurídico” existentes no país durante o Império.

A sociedade intelectual estava nutrida desse ideal positivista, inclusive os teóricos do interior do exército, portanto há mais um impasse, uma vez que o positivismo não se infiltra ativamente com sua real finalidade com base no empirismo. No Brasil, sobressaiu-se no interior das escolas militares a dedicação maior à área de exatas, sendo possível a tradição da formação dos oficiais com influência da base curricular dos cursos de engenharia, dando origem a um perfil curso mais técnico.

O positivismo no Brasil não possuía como sinônimo o empirismo, visto que o modo instituído por Comte entre nós transformou-se em doutrina, uma vez que a cultura do país possuía o princípio de repetição e não de investigação (TREVISAN, 2011).

O sucesso do positivismo entre os militares está relacionado à dispensa do agir, em que era necessário apenas o exemplo de conduta. Tal dispensa por um lado atendia a disciplina e por outro como funcionava como protetor contra os desprezos sociais sobre os militares (TREVISAN, 2011).

Ainda sobre Ensino Militar e positivismo, o autor em sua obra diz concluindo:

[...] Esse positivismo, todo característico, todo “nacionalizado”, não foi responsável pela “paisanização” da instrução militar desde o 2º Império nem pela criação do oficial “doutor”; utilizar a função fardada para impor vontade determinada a toda sociedade não era absolutamente uma perspectiva positivista, muito pelo contrário. O positivismo calou fundo na instrução militar brasileira porque encontrou, e não criou, uma presença massacrante da matemática nos sucessivos currículos da Escola Militar (TREVISAN, 2011, p. 173, grifo do autor).

Segundo Nogueira (2014)⁴, o Exército brasileiro visava com a educação diminuir as barreiras existentes historicamente entre militares e sociedade civil. Dessa forma, exercem sua função de transmissão de valores e cultura militar, em que a formação intelectual do aluno vem munida de interesse em formar determinado indivíduo para uma determinada sociedade.

Marcusso (2013) apontou duas instituições que permearam pelo século XX sem perder mérito social e político:

Pode-se destacar duas instituições que atravessaram a virada do século XX mantendo sua importância social e política no Brasil: O Colégio Dom Pedro II, fundado em 1837, e a Escola Militar da Praia Vermelha fundada no centro da cidade do Rio de Janeiro em 1874. Ambos tinham uma função comum: formar dirigentes. A vocação do Colégio D. Pedro II era mais evidente, mas vale ressaltar que desde sua fundação a Escola Militar da Praia Vermelha formou grupos de militares/engenheiros/positivistas que atuaram sistematicamente na vida política do Império, inclusive na articulação da derrubada do mesmo. Não é por acaso que muitos egressos do Colégio D. Pedro II seguiam para a Escola Militar da Praia Vermelha (MARCUSO, 2013, p. 112).

A Instituição Militar da Praia Vermelha foi criada em 1857 na capital do Império, Rio de Janeiro, como parte da única instalação de ensino superior do Exército: Escola Central, localizada no Largo de São Francisco⁵, até aquele momento foi o único estabelecimento de ensino superior do Exército e a única escola do Império a formar engenheiros civis e militares. “O objetivo do governo era proporcionar, na Praia Vermelha, um ensino prático que complementasse o ensino teórico ministrado na Escola Central. A instituição funcionou até 1904, quando da Revolta da Vacina” (CASTRO, s.d.)⁶.

A Escola Central após ser dominada como Instituição Militar da Praia Vermelha possuiu outros nomes, como por exemplo: “Escola Militar do Brasil” e “Escola Militar do Realengo”; em 1931 pensava-se em transferir a Instituição do Realengo para Resende no Rio de Janeiro em busca de mais espaço físico e melhor localização. Em

⁴ Jefferson Gomes Nogueira é sociólogo, mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Atua em pesquisas nos temas: Sociologia militar: pensamento militar brasileiro e história da educação militar no Brasil. História do Brasil: Regime Militar, militares legalistas e luta armada.

⁵ Situa-se em uma área central e antiga do Rio de Janeiro, em que há importantes construções dos tempos coloniais como, por exemplo, o prédio da antiga Academia Militar e Escola Nacional de Engenharia.

⁶Acesso em: 4 jun. 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/ESCOLA%20MILITAR%20DA%20PRAIA%20VERMELHA.pdf>>.

1944 foi criada a Escola Militar de Resende, que mais tarde, em 1952, foi assinado um decreto que a transformou em Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que, segundo Nogueira (2014), surgiu pela necessidade de centralização e aperfeiçoamento da formação do oficial do Exército que se expandia e no momento é um centro de referência de ensino militar da América Latina. No entanto, segundo Ludwig (1998), sua origem se deu no ano de 1810, ano que o País recebeu de Portugal a primeira influência do Exército português, a qual se deu com o nome de Academia Real Militar.

A AMAN foi a instituição de pesquisa do antropólogo Celso Castro, um dos pioneiros do estudo da antropologia militar, filho de um oficial superior do Exército (transferido para a reserva) que, através da sociologia, abriu caminhos para mais pesquisadores estudarem sobre o ambiente militar. Na sua obra “O Espírito Militar” (1990), nos revela como é a formação dos cadetes⁷ do Exército Brasileiro, no município de Resende-RJ.

Já no tocante às armas de aviação, conforme dito no documentário FAB Na História, o início das escolas de aviação brasileira se deu a partir de novembro de 1914 (um século após a criação da Escola da Praia Vermelha) no Campo dos Afonsos⁸ no Rio de Janeiro, sob os cuidados de aviadores italianos. Nesse ano no mesmo local atuava dois campos de Aviação: Aeroclube brasileiro e a Escola brasileira de Aviação. Segundo Bercho (2013), a origem da formação do oficial de Aeronáutica foi a partir da criação do Ministério da Aeronáutica, no dia 20 de janeiro de 1941, a qual determinou a união das aviações militares do Exército e da Marinha, tal como toda a organização e as incumbências do Departamento de Aeronáutica Civil:

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o Art. 180 da Constituição, decreta:

Art. 1º - Fica criada uma secretaria de Estado com a denominação de Ministério da Aeronáutica [...]

Art. 8º - Todo pessoal militar da arma de aeronáutica do Exército e do Corpo de Aviação Naval, inclusive as respectivas reservas, passa a constituir, a contar da publicação do presente Decreto-lei, uma corporação única subordinada ao Ministério de Aeronáutica, com a denominação de Forças Aéreas Nacionais [...]

§2º A denominação de novos postos da hierarquia militar e a sua correspondência com os do Exército e da Armada serão fixadas em lei especial, como os quadros que forem necessários (BRASIL, 1941).

⁷ É o nome atribuído aos militares em formação para oficiais das forças armadas.

⁸ Local considerado o berço da Aviação Militar brasileira, pois o mesmo território foi sede da Escola de Aviação Militar do Exército até 1941, quando houve sua extinção.

Além disso, fora criada em conformidade com a necessidade da modernização das Forças Armadas baseando-se nas inspirações políticas de Getúlio Vargas de modernização da indústria brasileira e fomentação do capitalismo no país.

Em fevereiro de 1943, Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt na cidade de Natal - RN encontraram-se com os presidentes dos Estados Unidos, ocasião em que nasce a ideia de criar uma força militar para serem enviadas a guerra, porém, Vargas argumentou que, para enviar a tropa das Forças Armadas Brasileira era necessário o reaparelhamento bélico. Sendo assim, em março aprovou a proposta feita pelo General Eurico Dutra, que sugeriu a formação de uma Força Expedicionária Brasileira (FEB), mas que recebessem o material bélico, não somente as que seriam enviadas ao conflito e também as que garantiam a segurança do território brasileiro. Nesse momento a FAB⁹ desempenhava a sua primeira grande missão, a de garantir a segurança da costa brasileira por meio do patrulhamento (MOREIRA, s.d.)¹⁰.

2 Metodologia de pesquisa

Segundo Zanlorenzi (2010), na história da educação, a utilização da imprensa como objeto e fonte de pesquisa está fortificando-se gradualmente. A significância de trabalhos que possuem jornais e revistas como fonte, refere-se à peculiaridade como é a circulação de ideias que consistem um determinado grupo de pessoas. E os jornais, revistas, atas, fotos, entre outras fontes, recebem um olhar diferente dos pesquisadores da história da educação brasileira, um olhar atento, com o intuito de analisar as riquezas presentes nesses veículos: o contexto educacional e as relações envolvidas nesse processo. Além disso, “[...] a palavra escrita pode em qualquer tempo e lugar ser utilizada na construção de interpretações históricas [...]” (ZANLORENZI, 2010, p. 65).

Observar uma fotografia é sempre um período de deleitação, não alude-se a contemplação de apenas lugares e pessoas que já conhecemos e que nos faz recordar o passado, mas várias vezes somos preenchidos pelo prazer em observar imagens que não referem-se a nós. Todavia, a fotografia não acaba sua utilidade ou função pela simples contemplação da estética. Na imagem, o que nos prende a atenção não é apenas o belo, “[...] mas a possibilidade de reconhecer/conhecer o real” (VIDAL; ABDALA, 2005, p. 178). Portanto, levando em consideração as contribuições das fotografias e das revistas

⁹ Força Aérea Brasileira

¹⁰ Acesso em: 04 jun. 2015. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>>.

para as pesquisas na área da história da educação, no presente trabalho foram utilizadas como fontes primárias as Revistas Esquadrilha.

As revistas Esquadrilha foram produzidas pelos oficiais alunos da Escola de Aeronáutica no Campo dos Afonsos. Encontra-se 29 edições entre os anos de 1941 e 1958, alguns exemplares estão armazenados no acervo histórico da biblioteca da Academia da Força Aérea na cidade de Pirassununga/SP. Na contracapa da Esquadrilha é informado o valor avulso, o qual era 4\$000, sendo 5\$000 para os números atrasados e 30\$000 o valor da assinatura anual.

Durante o segundo semestre do ano de 2015, realizamos visitas esporádicas até a Academia da Força Aérea, com o objetivo de colher dados para a pesquisa. No local tivemos contato com as revistas, momento em que foram selecionadas as revistas referentes aos dez primeiros anos de publicação, totalizando 22 exemplares, os quais foram elaboradas durante a preparação dos Aviadores para atuarem na Segunda grande Guerra, assim como ao longo da atuação deles e posteriormente. Em vista disso, é um material histórico nutrido de informações sobre o momento.

Ao folheá-las somos informados das festividades e como elas ocorreram, tais como natal e páscoa. Além disso, registraram o dia a dia na escola militar na tentativa de informar a sociedade como era a vida dentro da instituição, ou seja, como conviviam com os demais cadetes, os sentimentos de deixar a família, amigos e pessoas amadas, a rotina dos estudos (como as aulas de Educação Física e voos) e, também, podemos observar que eles expõem sobre os regimentos, condutas, formaturas e as missões, porém não deixam de lado a descontração, levando o humor aos leitores através de charges, histórias e brincadeiras. Por meio de textos e fotografias relatam as visitas que receberam das comissões de professoras de épocas, de moças (donzelas e moçoilas), respondem a cartas, escrevem contos com ilustrações e conta-nos as novidades da Escola de Aeronáutica e da FAB.

Ao analisá-las, percebe-se que todas são compostas por seções não explícitas, ou seja, através do olhar explorador, nota-se que os temas dos assuntos se repetem, tal como em seções em todos os exemplares. Portanto, foram identificadas as seguintes seções: Notícias; Visitas; Instruções; Esportes; Feminina; Aviões; Festividades; Relatos; A Escola de Aeronáutica e a Cultural.

Privilegiaremos para análise as seções ligadas estritamente às bases de formação do oficial aviador: Notícias, Instruções, Esportes, A Escola de Aeronáutica e Cultural:

2.1 Notícias

A seção de Notícias é composta por textos com finalidade de informar o leitor sobre os acontecimentos na Escola da Aeronáutica, anunciar ao público parcerias com Escolas Militares estrangeiras, as melhorias para escola, mudanças, missões, as boas-vindas aos novos alunos, homenagens aos aspirantes a oficial, a segunda guerra mundial, o primeiro grupo de caça: “Senta a Púa!”. As notícias são comuns serem relatadas em página-dupla, sempre compostas por texto explicativo, expositivo, relatos e imagens.

Em conformidade com as notícias, umas apresentam mais textos, outras menos, mas carregadas de fotografias do momento, isto é, se é uma exposição de uma seção solene para recepção de novos alunos ou até mesmo sobre o grupo “Senta a Púa!”, é uma exposição com escritas, porém com mais fotografias comparado a outras, devido a intenção de mostrar ao público como era aquele determinado momento e transmitir emocionalmente os sentimentos exalados naquele momento.



Figura 1- Getúlio Vargas e a Aviação
 Fonte: Revista Esquadilha, fev. 1943, p. 16-17

Página dupla para relatar sobre o presidente Getúlio Vargas e a Aeronáutica, correntemente a revista abordava notícias sobre o presidente, seja de modo explícito como na imagem ou implícito, ou seja, nas “entrelinhas”.



Figura 2 - A Força Aérea Brasileira nos Céus da Europa
Fonte: Revista Esquadilha, ago. 1944, p. 15-16



Figura 3 - Seção solene dos Aspirantes a Oficial-Aviador de 1944
Fonte: Revista Esquadilha, ago. 1944, p. 8-9

A revista inicia prestando homenagens aos Aspirantes a Oficial de 1944, a primeira turma formada¹¹ no Campo dos Afonsos pela Escola da Aeronáutica, contento

¹¹ Foi a primeira turma a qual concluiu os três anos de formação no Campo dos Afonsos, mas anteriormente, em 1943 formou-se uma turma de dois anos de instrução e em 1942 formou-se uma turma com um ano de instrução, pois receberam alunos de outras escolas (marinha, exército), portanto, desde 1942 há formaturas, porém não especificamente de cadetes que cursaram os três anos no Campo dos Afonsos.

a fotografia de todos os formandos e o presidente Vargas esteve presente nesse momento especial.



Figura 4 - O Primeiro grupo de Caça Brasileiro na Itália
 Fonte: Revista Esquadilha, ago. 1944, p. 17-18

A revista de julho de 1944 exhibe a cerimônia realizada para a entrega do Pavilhão Nacional ao primeiro grupo de Caça brasileiros, por meio de fotografias transmitem como aconteceu esse momento e a despedida da família dos integrantes do grupo, imagens tristes de familiares (mães, noivas e esposas), que sofreram pela ausência e a incerteza do reencontro, por outro lado, os guerreiros demonstrando força de lutar pelos ideais de liberdade e democracia.



Figura 5 – Os Primeiros Aspirantes da F.A.B
 Fonte: Revista Esquadilha, maio 1942, p. 3-4

Escreve sobre as lembranças que as turmas formadas jamais esquecerão. As quais sedimentam o sentimento coletivo e a tradição da nossa aeronáutica. Espírito de disciplina, lealdade, heroísmo com que deves “lutar ou morrer pela bandeira do Brasil”.

Trecho da oração do aspirante Joffre Felix de Souza:

[...] A cultura de seus oficiais, representará para a aeronáutica o que a educação do povo há de representar, um dia, para o Brasil. À hora da guerra, estaremos prontos a defender com audácia e destemor o governo e o povo brasileiro (SOUZA, 1942, p. 3).

Na ocasião é demonstrado por essa oração e por todas as falas e pensamentos, o quão importante para eles é o povo brasileiro, o amor à pátria é grandioso ao ponto de arriscar a vida em defesa do país.



Figura 6 - Abertura das Aulas
Fonte: Revista Esquadilha, maio 1942, p. 6-7

No dia da abertura das aulas, o Ten. Cel. Av. Henrique Fontenele, comandante da Escola dos Afonsos, abriu a solenidade com um discurso, escrito na página dupla acima. Segue um fragmento do mesmo:

A disciplina é fator primordial no sagrado cumprimento do dever comum e sem ela não pode subsistir o comando. Ela deve ser ao mesmo tempo forte, esclarecida e digna, e só será real e proveitosa quando inspirada pelo sentimento do Dever, pela cooperação espontânea; ou quando ditada pela consciência profissional e o ardente e sincero desejo de fazer perfeito tudo aquilo que constitui obrigação [...].
 [...] É pois, vosso dever indeclinável, meus jovens cadetes do ar, dedicar todo o vosso ardor, todo vosso entusiasmo ao estudo e às instruções, a disciplina e ao serviço, para elevardes ao mais alto grau o vosso valor e a vossa capacidade, quer como profissionais

especializados, quer como oficiais da Força Aérea Brasileira. (FONTENELE, 1942, p. 6).

2.2 Instrução

A seção das instruções é munida de informações valiosas para a pesquisa, uma que ela discorre e ilustra as aulas ministradas na época para os cadetes. Como já relatado no presente trabalho, as instruções eram divididas em seções, sendo assim, os exemplares da Esquadilha apresentam ao decorrer dos anos informações dessas seções, melhor dizendo, um único exemplar não apresenta todas as seções, mas todas elas apresentam informações de algumas específicas seções de instrução. Dessa maneira, há estímulo para o leitor adquirir todos os exemplares, para conhecer um pouco mais de cada disciplina.

Além disso, a seção das instruções apresenta-se com uma abordagem explicativa do assunto, melhor dizendo, em uma aula que faz uso de instrumentos, a seção explica como usá-lo, inúmeras vezes por meio do passo a passo. Também nos mostra como ocorriam os deslocamentos de uma aula para outra, ou até mesmo para outros espaços da Escola, uma vez que a forma como ele ocorre faz parte da formação.

Os textos são ricos em suas exposições, explicam como acontecem as aulas, enfatizam qual a importância desses aprendizados para a vida do aluno na prática, em uma guerra. Para enriquecer ainda mais, apresentam muitas fotografias dos momentos das instruções, mostrando visualmente como aconteciam, como os alunos se encontravam nos estudos, locais em que aconteciam, uma vez que cada aula necessitava de local apropriado para melhor qualidade das explicações e prática.



Figura 7 - Treinamento dos pilotos de planadores
Fonte: Revista Esquadilha, set./out. 1942, p. 13-14

O piloto passa quatro semanas em treinamento de simulação de voo planado com aviões de pouca potência, com o motor parado. Aprende a técnica de aterragem “sem motor” e pousa o avião desligado em uma área demarcada. E a prova final é a aterragem, no combate real ele terá de se soltar do avião a milhares de metros do chão, por trás das linhas inimigas. Nesse momento a vida dele está por conta de si próprio, cabe a ele calcular a distância e ângulo corretamente, pois se errar, não haverá motor para recuperar altura e tentar novamente. Após essa etapa o aluno irá para a escola avançada, onde aperfeiçoará seus conhecimentos.

Para torna-se um piloto competente nesse tipo de voo, o treinamento deve ser organizado dentro de uma sistematização que melhor o qualifica para enfrentar todas as barreiras encontradas ao decorrer de 365 dias, ou seja, um ano. As técnicas nas instruções serviram apenas como alicerce para os conhecimentos adquiridos em uma longa prática. Durante a aprendizagem o aluno devia confiar completamente nos instrumentos e menosprezar os sentidos, pois havia horas que sentiam inclinando-se mais para um lado ou para o outro. Além disso, nessas aulas aprendem o voo cego pela agulha, fase que consiste em aprender a voar sobre um rumo de agulha.

Em complemento as informações, são agregados conhecimentos sobre as técnicas de como usar os instrumentos e o rádio nos voos, como os cadetes aprendem e como usá-los, processo demasiadamente técnico.



Figura 8 - Tiro e bombardeio Aéreo
 Fonte: Revista Esquadilha, fev.- out.1942, p. 19

Os cadetes eram divididos em grupo, no máximo 12 integrantes, para melhor aproveitamento das aulas. O aprendizado do Tiro aéreo na prática segue o seguinte desenvolvimento:

1º- O aluno aprende a fazer a visada¹².

2º- Aprende a fazer a visada rapidamente.

Depois do aluno se familiarizar com a visada e a rapidez do tiro ele passará a empregar a metralhadora.

No bombardeio aéreo, sua instrução compreende:

1º- Bombardeio teórico: Estudo feito em sala, sobre a forma de trajetória, influência do vento, estudo dos explosivos, ponto de detonação, forma de emprego da bomba para cada objetivo.

2º Conhecimento do material de bombardeio: inicia-se a prática com a apresentação do material utilizado. Depois os alunos passam a se familiarizarem aos diversos tipos de bombas e com o funcionamento dos instrumentos.

3º Exercícios de bombardeio: A) Tapete rolante: É uma toalha sem fim que é movida por um motor elétrico. Representa o terreno visto pelo bombardeador, nela são colocadas pranchetas com desenhos dos pontos de bombardear: esse é objetivo. Essa esteira se movimenta ao sentido contrário do avião.

B) Bombardeio real: Depois da simulação, segue-se à parte prática.

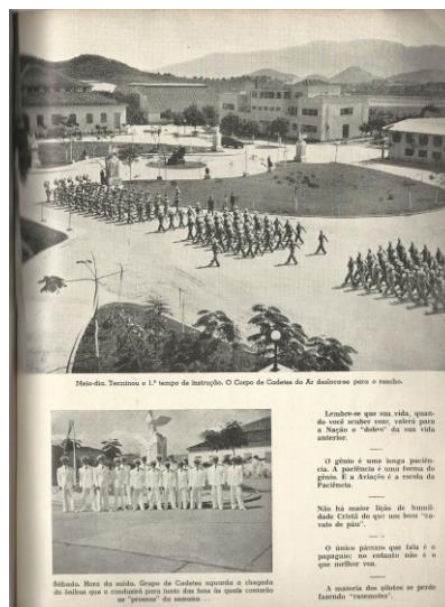


Figura 9 - Deslocamento

Fonte: Revista Esquadilha, fev./out. 1942, p. 18

¹² Ato de dirigir o olhar para um determinado ponto, mirar.

Essa página contém a fotografia que demonstra o Corpo de Cadetes em deslocamento ao meio dia, final do primeiro tempo de instrução. Como mencionado no capítulo anterior, momento em que fazem uso das canções, para dispensar a necessidade de prestar continência a todas as autoridades encontradas durante o percurso.

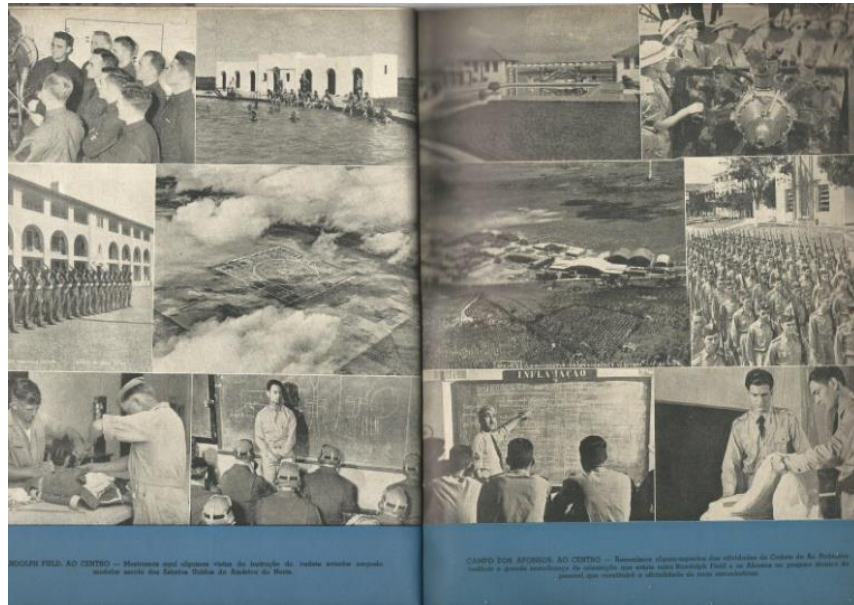


Figura 10 - Algumas Atividades dos cadetes do Ar

Fonte: Revista Esquadilha, fev. 1943, p. 14-15

Nessa página dupla foi selecionado um conjunto de doze fotografias para mostrar para os leitores um pouco das múltiplas tarefas¹³ e instruções dos cadetes da Aeronáutica e as fotografias ao centro mostram o Campo dos Afonsos.

2.3 Esportes

As revistas apresentam inúmeros conteúdos a respeito das atividades esportivas. Além de haver a disciplina de Educação Física na formação, também, participavam de competições com outras escolas militares e até mesmo em eventos internos, entre as turmas. Com base na análise, presumo que o Esporte era crucial na formação do oficial aviador, uma vez que o teste físico era fundamental e decisivo se o candidato ingressaria ou não na Escola Militar e deviam estar fisicamente saudáveis para melhor desempenho na Guerra.

¹³ Instruções em sala de aula; montagem de paraquedas; marcha em cerimônia militar, funcionamento do moto e educação física.

Os exemplares abordam o assunto de forma descritiva, ou seja, descrevem o momento, competições, com quem competiram e o local que ocorreu. E por final expõe os resultados dos jogos, quando a competição é interna, os resultados são entre as turmas de oficiais-alunos (1º, 2º e 3º ano), quando as competições são externas o resultado é apresentado entre o time da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos e o time da escola adversária na competição esportiva.

Sempre que a Escola dos Afonsos é vitoriosa nas competições, é descrito com muito orgulho na Revista, as palavras usadas dizem o quanto os competidores se preparam para aquele momento e o quanto é importante a vitória, os participantes sempre aparecem nas fotografias com alegria, entusiasmo, determinação e dedicação.

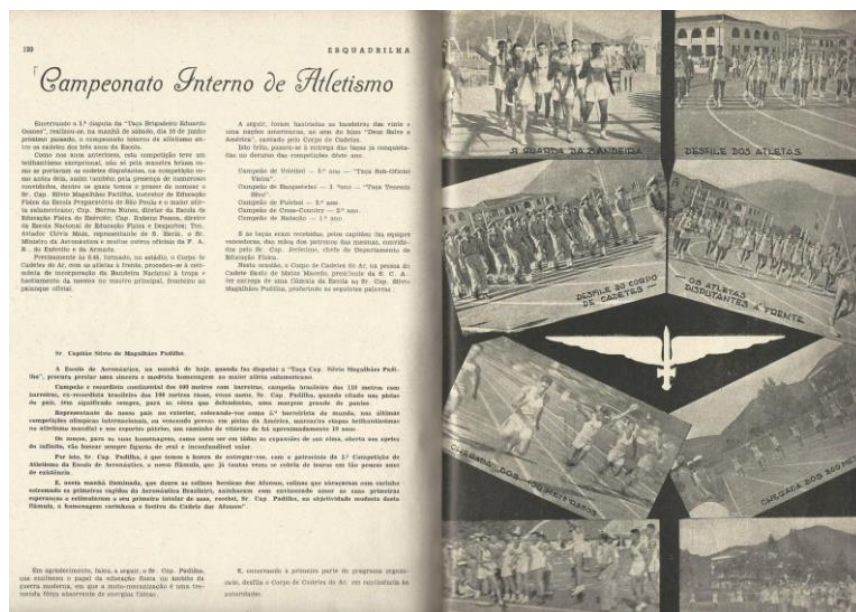


Figura 11 - Campeonato interno de Atletismo
 Fonte: Revista Esquadilha, jul. 1944, p 2-3

Nessa página dupla está registrado o resultado dos jogos de basquetebol e voleibol. Os competidores foram os alunos da própria escola de Aeronáutica, primeiro, segundo e terceiro ano.

2.4 A Escola de Aeronáutica

Seção destinada a exposição da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos. É o espaço destinado para a exibição dos espaços, das instalações, os campos, de modo a informar o público a quantidade dos alunos, exames de admissão e a história da Escola.

É uma seção descritiva e expositiva, com imagens variadas para situar o leitor sobre aqueles espaços, como vivem os cadetes e como opera a Aeronáutica. Através da análise, presumo que ao expor ao público as instalações e os exames de admissão buscam divulgar a escola para outras pessoas buscarem fazer parte daquele ambiente.



Figura 12 –Novas Instalações dos Cadetes do Ar
Fonte: Revista Esquadriha, abr. 1943, p. 14-15

Essa página dupla comenta sobre a nova Escola de Aeronáutica que possui apenas três anos e faz em palavras uma retrospectiva dizendo que a primeira turma possuía nove aspirantes que saíram e quarenta e um eram provenientes da Escola Militar, a segunda composta por oitenta e três aspirantes, os quais eram da Escola Militar, Escola de Engenharia, Escola Naval e Escola de Agronomia. Turma de noventa e quatro alunos procedentes da Escola Militar, Escola Naval, Escola de Engenharia, Reserva Naval Aérea e da tropa; a turma do primeiro e segundo ano com cento e dois e duzentos e sessenta e oito alunos os quais efetuaram o exame diretamente para a Escola. Ressalta o trabalho dos instrutores e professores para transformar inúmeros pensamentos em um único, em que todos partilhassem de uma mentalidade aeronáutica única e uma mesma língua.

Naquele ano (1943), o Corpo de Cadetes era composto por 464 alunos, os quais possuíam boas instalações, uniformes e a verdadeira mentalidade aeronáutica.

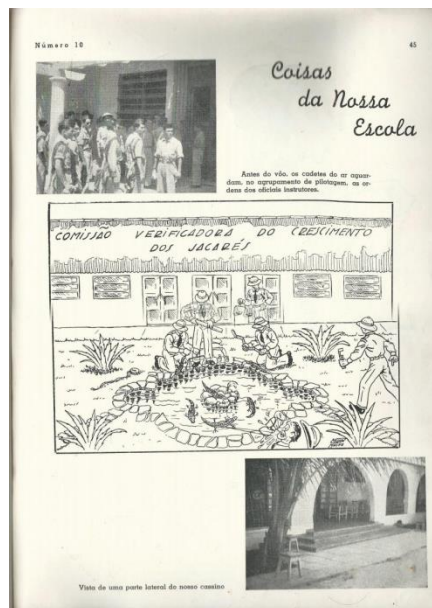


Figura 13 - Coisas da Nossa Escola
Fonte: Revista Esquadilha, fev. 1943, p. 5

Os cadetes antes do voo permanecem no agrupamento de pilotos, aguardando as ordens dos oficiais instrutores. Imagem no canto inferior do lado direito é a entrada do cassino¹⁴ do Campo dos Afonsos.

A imagem ao centro da página traz a seguinte frase: Comissão Verificadora do crescimento dos Jacarés, em que se utilizam do bom humor para fazerem uma crítica à burocracia da Escola¹⁵.



Figura 14 – Aspectos Internos da Escola
Fonte: Revista Esquadilha, maio 1942, p. 18

¹⁴ Lugar não destinado a jogos como os cassinos civis e sim um local que faz parte da hospedagem, destinado a entretenimento.

¹⁵ Dentro do ambiente militar se faz comissões para resolução de todas as questões, sendo assim, faz parte do cotidiano dos militares participarem de escalas para a resolução de particularidades do aparato burocrático.

Fotografias dos prédios dos alojamentos, galpões, hangares e hospedagem dos oficiais.



Figura 15 – Como Vivem os Cadetes do Ar
 Fonte: Revista Esquadilha, maio 1942, p. 16-17

As fotografias mostram um pouco da rotina de instrução dos cadetes, bem como o deslocamento de uma instrução até a outra, instrução de voo e o terceiro ano em sala de aula. Já os textos, dizem que a Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos era composta, na época, por 349 cadetes efetivos, sendo 142 no primeiro ano, 126 no segundo ano e 81 no terceiro ano.

E mais, acrescenta que em um futuro próximo, quando a escola mudar para a região de Pirassununga no interior de São Paulo, o número de efetivos irá se elevar para mil cadetes.

Portanto, em 1944 começou a desapropriação de algumas terras na Cidade de Pirassununga no interior de São Paulo, para a construção da futura Escola de Aeronáutica, em que o governo paulista havia declarado de utilidade pública a área necessária para a construção¹⁶. Segundo a Esquadilha, a grandiosa obra ficaria pronta

¹⁶ Esse processo de desapropriação das terras ultrapassou a década de 40, em 1950 já havia executado a desapropriação, mas primeiramente foram realizadas as construções do primeiro espaço chamado “Destacamento precursor da Academia da Força Aérea”, a qual foram os primeiros hangares e somente na

de três a quatro anos, mas quando finalizada seria a primeira Escola da América do Sul e por algum tempo o governo não precisaria preocupar-se com problemas de adaptação e precárias instalações.

Além disso, houve mudanças nas instruções de funcionamento da Escola de aeronáutica, em que a Instituição passa a ser estabelecimento militar de ensino superior, com intuito de formar oficiais para a Força Aérea Brasileira. Para tal, a Escola deveria ser orientada de modo que fosse permitido o ingresso apenas dos cadetes que demonstrassem possuir as qualidades de aptidões profissionais, cultura e caráter fundamental para execução da função. E mais, foi instituído o curso prévio com duração de um ano e adotado o ensino da língua inglesa. O curso tem por objetivo dar os conhecimentos básicos fundamentais e a preparação moral, física e militar que capacitem os alunos para o curso superior, compreendendo as seguintes matérias: Instrução Fundamental – português, aritmética, álgebra, álgebra e geometria, trigonometria, física e química; Instrução Militar - ordem única, instrução geral (sobre o voo e educação física). Nas matérias do curso superior foi agregado o estudo da língua inglesa nos três anos.

2.5 Seção Cultural

Essa é a seção de entretenimento, a mais divertida, alegre, dinâmica e variada, pois ao mesmo tempo possui uma leve tristeza. É alegre por conter humor, charadas, teste para as fãs, palavras cruzadas, piadas, charges, histórias mudas, histórias em quadrinhos, caricaturas, ilustrações com humor, porém há tristeza nos poemas e poesias os quais relatam a dor, solidão, saudade das pessoas amadas.

Os assuntos abordados sempre são relacionados às aulas, rotina, relacionamentos, amizade, avião, amor, saudade, medos, inseguranças. Essa seção possui mais ilustrações comparadas a textos, as quais são feitas pelos próprios cadetes, são munidas de expressões que são capazes de dizer as mesmas coisas que as palavras.

É uma seção que é dividida em várias partes ao decorrer das revistas, mesclando poemas e poesias, charges, histórias em quadrinhos, testes e muito mais, é uma forma de deixar a revista mais agradável ao leitor, levando descontração por meio de desenhos

década de 60 que iniciou a construção da área de instrução para receber os cadetes, pois anteriormente eram construídos locais para a instrução do último ano de formação, o de especialização em voo. A transmigração e os cursos, definitivamente, começaram a funcionar todos os anos de formação em 1971 em Pirassununga.

e palavras e, por mais que exista humor, na essência carregam verdades, ou seja, transmitem conhecimentos, verdades e vivências que passaram. Um exemplo são as palavras cruzadas, o leitor deve preencher as lacunas com palavras referentes aos conteúdos vivenciados pelos cadetes e aspectos militares, desse modo, demonstra que através de uma brincadeira os civis conseguem se envolverem com assuntos fora de sua realidade, sem ser desgastante.

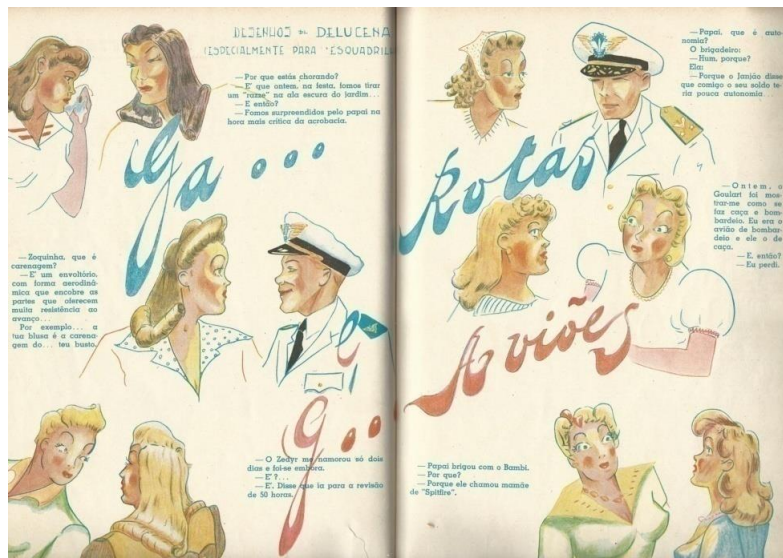


Figura 16 – Diálogo
 Fonte: Revista Esquadilha, abr. 1943, p. 10

Havia dupla página de perguntas e respostas, as mulheres representam os civis e fazem perguntas aos rapazes militares sobre assuntos da Escola de Aeronáutica e eles respondem. É um modo de sanar dúvidas dos leitores que leem as revistas e por vezes não sabem o significado de certas palavras.

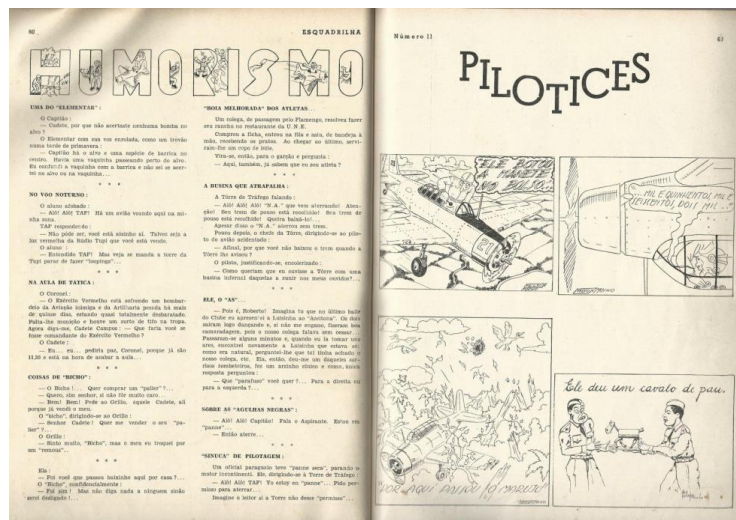


Figura 17 – Humorismo e Pilotices
 Fonte: Revista Esquadilha, abr. 1943, p. 11-12

Na página à esquerda intitulada como “HUMORISMO”, é destinada a apenas piadas, as quais abordam somente o assunto militar, aspectos da rotina dos cadetes, momentos que ocorreram e dos quais conseguiram transformar em humor. Já na página a direita, intitulada como “Pilotices”, são charges abordando situações vivenciadas em momentos de voos.



Figura 18 – poesia e humor
 Fonte: Revista Esquadriha, abr. 1943, p. 13-14

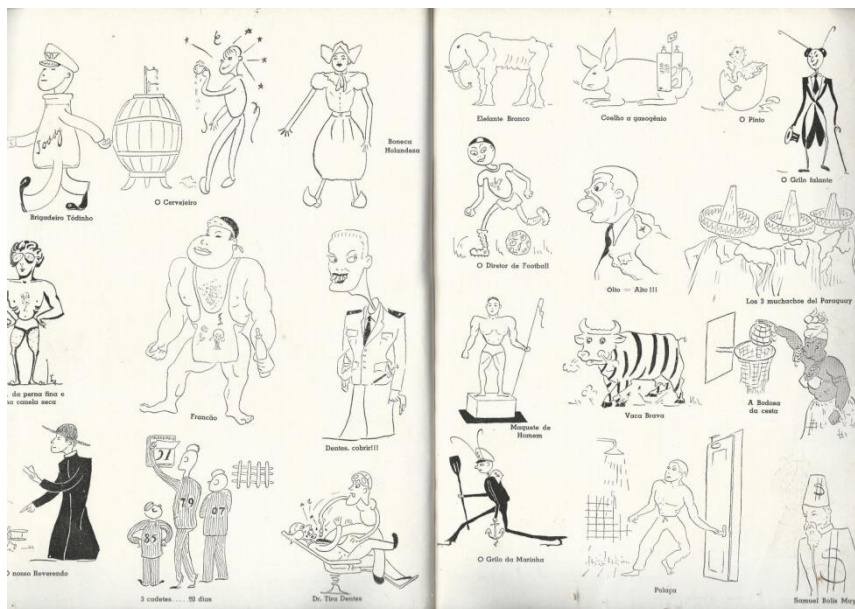


Figura 19 – Ilustrações
 Fonte: Revista Esquadriha, abr. 1943, p. 26-27

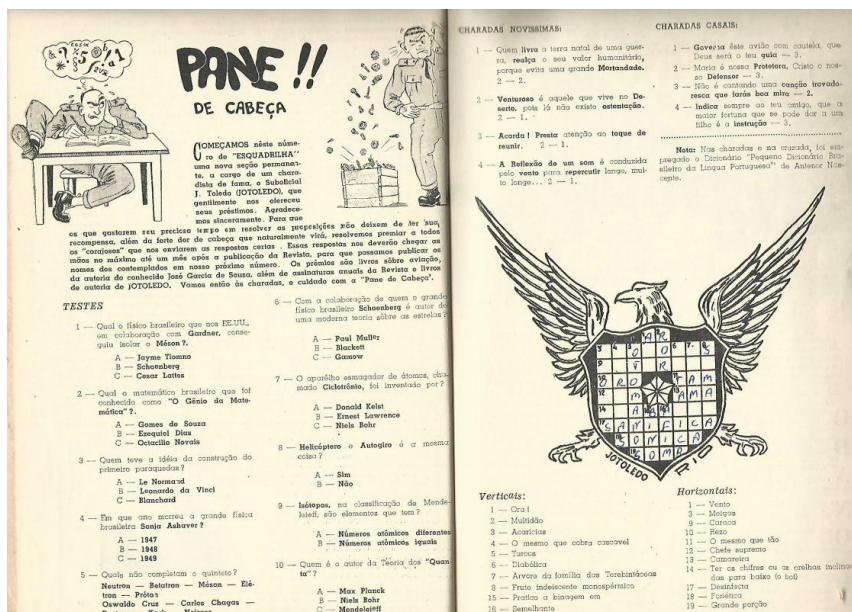


Figura 20 – Teste e palavras cruzadas
 Fonte: Revista Esquadriha, 1950, p. 24-25

A página à esquerda apresenta mais um teste, porém, esse não é específico para as fâs, mas para todos os leitores, contendo dez perguntas e três alternativas cada, todas relacionadas com assuntos militares. A página à direita é um jogo de palavras cruzadas, na parte superior da página estão as dicas das palavras, as quais estão ligadas aos aspectos do cotidiano dos rapazes na escola militar, e na parte inferior estão as respostas para conferir.

Pela observação dos aspectos analisados conclui-se que as Revistas Esquadriha possuíam várias intenções, entre elas divulgar a novata Escola de Aeronáutica, enfatizando os pontos positivos e propagando uma imagem positiva da mesma, assim, a sociedade civil almejava fazer parte daquele “mundo” militar. Outra intenção é prestigiar o presidente da república, bem como uma propaganda de Getúlio Vargas, uma vez que em todas as festividades, acontecimentos e notícias o presidente sempre era citado, constantemente ressaltado com prestígio, demonstrando o quanto era importante para a aviação no país. Além disso, nota-se uma educação técnica, mas com forte demanda cultural, com isso, seguindo a perspectiva de formação omnilateral, podemos dizer que eles eram formados nas duas artes, pois possuíam a formação técnica para realizar as atividades, bem como possuíam a formação intelectual na produção das revistas, para selecionar e compor os conteúdos compartilhados com a sociedade.

Considerações Finais

A hipótese de pesquisa desse presente trabalho foi buscar conhecer como se dava a formação dos Oficiais Militares entre o início da Criação do Ministério da Aeronáutica, em 1941 até o início da década seguinte (1950) na Escola da Aeronáutica, localizada no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro, considerando o contexto histórico e educacional do período.

A interlocução sobre a história do Ensino Militar no Brasil, nos revela que passou por várias mudanças de acordo com o cenário histórico cultural (final do século XIX e início de XX), em conformidade com a proclamação da república, mas que não procede, uma vez que permanece a tradição das disciplinas de exatas, apesar do positivismo ser afimco ao empirismo.

Além disso, ao abordarmos o Ensino Militar no país, conclui-se que foi em meio ao cenário conturbado de guerra que nasceu a formação de Oficiais Aviadores, uma formação rápida e técnica para defender a nossa pátria. O presidente na época, Getúlio Vargas, considerado o pai da aviação, por ter sido fundamental para a concretização da Escola de Aeronáutica, uma vez que por meio de seus interesses de ascender o país, de suas inspirações políticas, modernização da indústria brasileira e fomentação do capitalismo no país, conseguiu dar um grande passo quando persistiu em criar uma força de aviação para ser enviada à guerra.

Através da análise das revistas percebe-se nas “entrelinhas” uma propaganda política do presidente Getúlio Vargas, uma vez que estava presente em todas as notícias, festividades e comemorações, demonstrando a sociedade uma imagem positiva. Além disso, nota-se uma formação que não estava presente no currículo das instruções, a formação cultural, bem como a elaboração das Revistas. Também, nota-se uma educação além de técnica, pautada na formação integral, ou seja, outra vez encontra-se aspectos da formação omnilateral, pois realizavam as atividades técnicas e práticas, assim como possuíam a formação intelectual na produção das revistas, para selecionar e compor os conteúdos compartilhados com a sociedade.

Portanto, através da análise dos dados dos três capítulos pode-se dizer que o objetivo foi atingido. Pois, por meio da pesquisa pode-se dizer que foi em meio ao cenário conturbado de guerra e de interesse do presidente Vargas de fomentação do país que nasceu a formação de Oficiais Aviadores, uma formação integral, para o “fazer”

(executar as atividades) e, também, o “saber” (conhecimento intelectual, bem como para a elaboração de estratégias).

Referências

ABDALA, R. D. **A fotografia como fonte de pesquisa para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa.** 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3745/2149>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

ALMEIDA, E. A. Um breve olhar sobre o ensino militar paulista na república: A história da criação e implementação da Academia do Barro Branco. In: SANFELICE, J. L.; JACOMELI, M. R. M.; PENTEADO, A. E. de A. (Orgs). **Histórias de Instituições Escolares: teoria e prática.** Bragança Paulista: Margem da Palavra, 2016. 304 p.

BERCHO, C. F. **Da escola de aeronáutica à academia da força aérea: a formação do oficial aviador da força aérea brasileira.** 2013. 17 p. Projeto de pesquisa de doutorado. Material cedido pelo autor. CECH- Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 2.961, de 20 de janeiro de 1941. Cria o Ministério da Aeronáutica. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 20 jan. 1941. Seção 1, p. 1022.

_____. **A esquadrilha** (1941 a 1951). Arquivo Histórico da Biblioteca da AFA-Pirassununga-SP.

CASTRO, C. **O Espírito Militar: um estudo de antropologia social na Academia das Agulhas Negras.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1990.

_____. **Escola Militar da Praia Vermelha.** Não datado. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ESCOLA%20MILITAR%20DA%20PRAIA%20VERMELHA.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

MARCUSSO, M. F. **Apontamentos teórico-metodológicos para o estudo de instituições escolares: a especificidade da escola militar.** 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/viewFile/1980-3532.2012n8p110/25516>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

MOREIRA, R. L. **Força Expedicionária Brasileira (FEB).** Não datado. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

NOGUEIRA, J. G. Educação Militar no Brasil: um breve histórico **CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 6, n. 1, p. 146-172, jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1052>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

TREVISAN, L. N. **Obsessões Patrióticas**: origens e projetos de duas escolas de pensamento político do exército brasileiro. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

VARGAS e as bases do desenvolvimento. Não datado. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/OBrasilQueVargasDeixou/BasesDesenvolvimento>>. Acesso em: 4 jun. 2015.

ZANLORENZI, C. M. P. **História da Educação, fontes e a imprensa**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art04_40.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2017.